

Grande Sérvulo,

foi muito bom receber sua carta, suas notícias e as de Anne e das meninas, notícias da sua vida familiar e artística. O catálogo da Galerie (Sanguine Galerie) está realmente muito bacana e a apresentação da Jacques Queralt muito lúcida, bastante inteligente. Tudo somado, transmiti aos amigos e a alguns "copains" da imprensa que deram pequenas notícias nas suas colunas diárias, não especializadas, que são apenas informativas. Mostrei o catálogo ao Cláudio e ao Fran. E depois das alegrias, me veio, inelutavelmente, a melancólica conclusão de que o poeta tem razão quando diz que "não há nada como o tempo, para passar". Nossa Senhora, quando menos se espera, vinte anos foram decorridos desde aquela partida do meio Sérvulo, de cabeça pra cima e olhos atentos, de São Paulo, capital da neurose, para Paris, com uma bolsa de estudos "por algum tempo", sem imaginar que estava fazendo uma mudança definitiva. Inúteis as imprecações contra o tempo, que todos os homens já fizeram antes de nós : passa boi, passa boiada, passa ponte, passa rio, passa o vento, passa o diabo do tempo e nós passamos também. O jeito é tocar um tango argentino, talvez o último tango, que aqui não Brasil não se verá nunca. Melhor mesmo é molhar o pão do passado numa dose de uísque, ou de vinho, mergulhar na evasão et "partir, n'importe où, pourvu que ce soit hors du monde".

É, vamos deixar de filosofia barata, a gente continua, apesar de tudo, tocando a vidinha pra frente, esquecendo que vem velhice ameaçando pelos caminhos devorantes. Um dia destes, um jovem foca de jornal deu-se ao desfrute de vir me entrevistar e, como todo debutante, entrou de chapa com uma agressão, perguntando quantos anos eu tenho. Que ofensa ! Respondi que depende da hora, do dia, da companhia, do humor. Que sexta-feira à noite tenho dezoito e segunda-feira de manhã costumo ter setenta. Arre égua !

Os amigos estão espalhados. Zenon continua cá, mas aparece muito pouco, entocou-se numa casa nova, na Aldeota, não aparece nunca. Mês passado me telefonou: tinha feito,

11

em cobre, sem retrato e sem modelo presente, a minha bela efígie, num medalhão. Lá fui buscar a prenda, belíssima. O ex-Jumento Velho, agora Helder Souza, pontifica em Brasília, no Correio Brasiliense. Já foi duas ou três vezes à Europa (parece que o rumo dele é mais Alemanha) e quando sobrevoa o Atlântico se lembra sempre da gente (quando vai pelo quinto uísque) e me manda um cartão. O Luiz Maia contraiu esposa pernambucana, que é agora quem comanda a Renascença. O menino Goebel nunca dá notícia. Cláudio aparece aos sábados, pontualmente, à hora do aperitivo, por volta de meio dia, aqui em casa (agora sou meu vizinho - aluguei a casa vizinha à da minha mãe) e outros amigos vêm. A demora dura uma garrafa de uísque: depois a gente se manda "chez" Cláudio, com direito a banho de piscina e almoço.

Deixei a Reitoria da Universidade, desde que o Martins deixou: estou na Faculdade de Letras. Tenho um livro no prelo (Cartas sem resposta) e dois em preparo.

O movimento artístico vai melhorando, aqui no Ceará: há um maior número de galerias, os clubes sociais têm estimulado os jovens artistas promovendo exposições e o público em geral está aprendendo a ir aos "vernissages" e os ricos estão aprendendo a comprar.

A cidade tem melhorado, sim: novas avenidas vão se rasgando e a província vai tomando jeito - não sei se para melhor. Dentro de algum tempo, para reconstituir o passado, será preciso usar muito a imaginação: as cidades novas se transformam tão completamente que deitam no ânimo de quem as dirige uma espécie de furor contra o que "foi", construindo o futuro. Deus nos acuda.

Pois é, irmão, viva quem vive e apareça quem promete. Quando é que o Brasil está no seu plano de visita?

Envolve Anne, Sabrina e Anna Camila com um grande abraço e receba você também um abraço amigo do

Willis

8  
x1  
1973